

Jardim das Delícias

Por Nanna de Castro

nannadecastro@gmail.com



Sinopse:

Avó, mãe e filha com ajuda de uma empregada cuidavam de seu pequeno restaurante em um bairro distante de periferia. O lugar começou a ficar famoso por que as pessoas que ali comiam afirmavam que os alimentos lhes causavam estranhas sensações e transformações. Mas um dia um homem caiu estatelado sobre a mesa, morto. O restaurante foi fechado e, para sobreviver, elas começaram a cozinhar jantares em sua casa para pouquíssimas e selecionadas pessoas e contar a sua estranha história.

OS PERSONAGENS:

Ana tem 15 anos. É filha de Luz. Sua característica básica é nunca comer e vomitar coisas. Vomita flores, bichos... É frágil, desnutrida, e vive para atender o desejo do outro. Sempre que consegue, esconde-se para vomitar coisas. Vomita principalmente se recebe carinho. É frágil, delicada e bondosa. Aprendiz, prepara a comida mas não consegue comê-la. Imagem: Espírito. Virgem angelical. (Atropos)

É A QUE NÃO CONHECEU O HOMEM.

Luz tem 40 anos. É filha de Vivi. É a autoridade, a que decide o caminho e sabe todas as receitas. Independente ao extremo. Muito sensual, pouco afetiva. Mulher-Aranha, forte, sexual e agressiva. Com os homens é dominadora e estabelece uma relação de objeto, de uso. Mestre nas artes de seduzir, no afrodisíaco. Seu corpo é o banquete. Sempre cercada de homens, sempre solitária. Não se lembra quem é o pai de Ana. Imagem: Razão. Guerreira. (Láquesis)

É A QUE SE FEZ HOMEM.

Vivi, ou Eva, tem 55 anos. É a grande mãe. Aliás, está grávida. Profundamente ligada à natureza. Impulsiva, incontrolável, emocional, sensorial, primitiva. Tudo Vivi cheira, lambe, esfrega. Generosa e afetiva alimenta todos de comida e carinho. É a dona dos segredos da cozinha. Misteriosa e assustadora, também assume ares de velha bruxa. Não é má, mas sabe ser cruel. Está sempre para dar a luz mas o filho não nasce. Isto a deixa muito irritada. Imagem: Grande mãe. Emoção. (Cloto).

É A QUE PARIU O HOMEM.

Cosma tem 44 anos. É a louca. Tem o desenvolvimento emocional de uma criança. Foi abandonada pela mãe na casa de Vivi quando tinha 12 anos. Não cozinha. Cuida da arrumação e da limpeza. Espera a mãe voltar para buscá-la. É teimosa, emburrada, mal-humorada e fofoqueira. Tem uma relação servil com Luz que a trata de forma quase cruel. Imagem: a serva.

É A IMPERTINENTE, A QUE ESTÁ FORA.

(Durante este espetáculo será servida uma massa como prato principal do jantar. A autora deixa à criatividade das atrizes e ao humor dos dias, a escolha do molho e dos demais acompanhamentos.)

CENA ÚNICA

O cenário é a sala de jantar de uma casa e sua cozinha. O ambiente é simples, lembrando uma casa de periferia. Cozinha e sala estão separadas por um biombo feito de tecido transparente. A cozinha é vista através desta transparência, como um teatro de sombras.

Na cozinha, os convidados devem passar por experiências puramente sensitivas e nada intelectuais. Sentir cheiros, gostos, tatear os alimentos. Sem falar, sem pensar, apenas sentir. É o espaço do primitivo.

A sala de jantar é o espaço onde razão e emoção duelam. A mesa de jantar é grande, antiga e pesada. O público senta-se à mesa. Há pratos, talheres, guardanapos e copos sobre a mesa além de jarras de água. Há poucas luzes.

Um cheiro forte de alfazema se espalha pelo ar. Os convidados são recebidos na porta por Ana que os conduz ao seu lugar na mesa. Ana olha intensamente para cada homem que entra como se tentasse identificar um rosto. Cosma ajuda Ana a receber os convidados. Luz está na cozinha zanzando entre uma panela aberta e um enorme livro de receitas. Vivi está no quarto, fora de cena, em trabalho de parto, ela geme. Os convidados vão entrando.

ANA: (para um convidado)

- Seja bem vindo... Por aqui... Vamos sentar... O senhor quer lavar as mãos?

Ana conduz os convidados a um canto onde há uma bacia e uma jarra de água. Ela ajuda os convidados a lavarem suas mãos e enxugá-las. Cosma leva os convidados até seus lugares nas mesas segurando os braços deles com força e cochichando em seus ouvidos.

COSMA (Para um convidado):

- Eu não posso cozinhar... A dona Luz não deixa... Não chego nem perto das panelas...

LUZ: (Da cozinha. Muito irritada)

- Quatro cebolas grandes, dez tomates sem sementes, um pernil de cordeiro...

Vivi (grita do quarto):

- Cordeiro de Deus que tirai os pecados do mundo tende piedade de nós!

COSMA (Cochicha para outro convidado):

- Eu não vi nada... Ela me perguntou se eu tinha visto alguma coisa eu jurei de pé junto que não vi nada...

LUZ:

- Meio pimentão pequeno, meio! 1 ramo de salsa, 2 ramos de alecrim fresco, 4 colheres de sopa de folhas de hortelã picadas, 1 xícara de vinho tinto seco... É isto!

Luz atravessa sala de jantar sem olhar para os convidados. Vai em direção ao quarto.

LUZ:

- O vinho! Ela colocou alguma coisa no lugar do vinho. Só pode ser! Quero ver a garrafa Vivi!

Vivi geme mais alto. Ana entra na frente de Luz.

ANA:

- Por favor, Luz, deixa ela!

Luz volta para a cozinha.

LUZ:

- É sempre a mesma coisa... Sempre!

Luz volta a checar obsessivamente a receita. Cosma cochicha novamente com os convidados.

LUZ:

(Na cozinha)

- Onde eu parei?... Uma pimenta malagueta...

COSMA:

- Mãe e filha... Brigam o tempo todo... Mas eu não posso falar nada. Não posso! Se a dona Luz me pega falando...

ANA:

- Cosma!

COSMA:

- Desculpe Aninha. Com licença.

Cosma vai para a cozinha. Vivi volta a gemer.

ANA:

- Os senhores fiquem à vontade... é que houve um pequeno contratempo com o jantar...

Vivi chega na sala de jantar segurando o ventre. Ela está entre uma contração e outra.

ANA:

- Vó... não seria melhor a senhora...

Vivi grita para Luz.

VIVI:

- Larga esta receita, Luz!

Luz tenta se concentrar.

LUZ:

- ...duas pimentas de cheiro...

VIVI:

- A receita não é uma prisão.

LUZ:

- ..seis conchas de caldo de carneiro...

VIVI:

- Nem uma garantia.

Vivi tem outra contração e se agacha no chão como se fosse parir naquele momento mesmo.

Ana entra na frente dela e continua falando com os convidados.

ANA:

- Apenas um pequeno contratempo... Mas vocês são muito bem-vindos à nossa casa e podem ficar tranquilos porque o jantar será servido normalmente conforme o combinado... Fiquem à vontade porque tudo... tudo... vai dar certo.

Vivi continua se esforçando para parir a criança que não nasce. Luz e Cosma voltam à sala e colocam as entradas sobre as mesas. Enquanto serve, Luz olha demoradamente para os convidados como se procurasse alguém. As três parecem ignorar Vivi.

LUZ:

(Para os convidados)

- Boa noite. Vocês me desculpem, mas precisaremos mudar um pouco o menu do dia pois houve um pequeno acidente... Parece que alguém, por descuido ou maldade, quem sabe, colocou perfume no cordeiro...

Vivi de cócoras no chão para de fazer força e começa a rir.

VIVI:

- Já pensou que pode ter sido ele mesmo?

ANA:

- Ele quem, Vó?

VIVI:

- O cordeiro. Quando eu olhei para aquele cordeiro deitado de bruços na travessa, achei ele muito distinto... Um lorde eu diria...

Vivi dá uma sonora gargalhada. Cosma gargalha junto. Ana segura o sorriso. Luz controla sua irritação. Vivi se levanta.

VIVI:

- Pronto. Desconcentrei.

Cosma continua rindo descontrolada.

LUZ:

- Acabou a sessão de circo?

Cosma pára de rir imediatamente.

COSMA:

(Para os convidados)

- Não pode rir. Não pode!

Vivi acena positivamente com a cabeça. Luz volta para os convidados.

LUZ:

- Como eu estava dizendo, colocaram uma espécie de perfume no cordeiro...

VIVI:

- Alfazema... Mas não fui eu que pus!

LUZ:

- ... e vamos ter que alterar os planos para o jantar.

Vivi encara Luz.

VIVI:

- Eles não estão interessados no jantar.

ANA:

- Vó, por favor!

VIVI:

- Eles vieram atrás do morto. Aliás, vai ser mais um jantar para os urubus.

Cosma se benze e reza baixinho. Ana fica incomodada.

LUZ:

- Os senhores desculpem, é minha mãe e mãe a gente não escolhe.

VIVI:

- A Luz finge que não sabe, finge que não vê, finge que não sente... Eles pouco se importam com nossos temperos, se é pato, se é cordeiro, se é rã. Eles vieram aqui atrás de um morto.

LUZ:

- Isto Vivi, assusta mesmo os convidados. Espanta todo mundo! Quem precisa deles!?

ANA:

- Por favor, Vó!

Vivi volta a ter uma expressão de criança levada. Faz uma careta infantil para Ana e se dirige a alguém na mesa.

VIVI:

- Diga a verdade, a senhora não está aqui atrás de um morto? Não?? Ahhhh... Não me diga que a senhora achou que iríamos servir o cordeiro vivo!?

Dá uma nova gargalhada. Cosma pára de rezar e ameaça rir junto mas é fuzilada pelo olhar de Luz.

LUZ:

- Bem, eu vou para a cozinha preparar algo para os senhores. A última coisa que nós queremos é que alguém aqui se ache no direito de não pagar a conta. Parece que já chegaram todos, certo Ana?

ANA:

- Sempre falta alguém, Luz.

Ana e Luz se olham demoradamente em silêncio. Vivi anda atrás dos convidados sentindo seu cheiro.

LUZ:

(Para Ana)

- Porque você não toca alguma coisa para animar um pouco esta casa, Ana?

Ana vai buscar a flauta.

LUZ:

- Enquanto eu penso em uma alternativa de cardápio, deixo vocês com a (irônica) adorável Vivi. Podem ficar tranquilos, ela não morde.

VIVI:

- (Para Luz) É claro que morde. Como é que você acha que eu cortei o seu cordão umbilical?

LUZ:

- Fiquem à vontade. Venha Cosma.

Luz e Cosma vão para a cozinha. Vivi fica com os convidados. Ana chega tocando sua flauta.

VIVI:

- (Olhando para Luz que sai) O pai dela tinha cheiro de romã. A boca dele era doce e macia e branca meio rosada... e aquele perfume, sabe?... de romã. Quem ia aguentar não morder aquela boca? E eu morde. Ah... a romã se abriu num talho vermelho e o sangue escorreu quente e se misturou na minha saliva. Mas ele não fugiu do beijo. Não! Passou o sangue pela minha cara. Este era o pai dela. Vi uma vez. Foi no banheiro de um restaurante. Ele gozou com força e eu já fui me sentindo meio grávida. (T) Mas vocês não querem saber desta história, certo? Vocês querem saber do morto. Aliás, eu sou forçada a reconhecer que os senhores têm bastante

coragem de vir aqui depois de tudo. (Para alguém em uma mesa) O senhor eu acho que já vi no Jardim das Delícias uma vez... É... o senhor era um que se sentava sempre de frente para a porta... Um tipo meio paranóico, com medo de ser morto pelas costas. (T) Ah! O Jardim das Delícias! Foram bons tempos aqueles, não é Ana? Para quem não conheceu, posso dizer sem medo de errar que era um lugar mágico... E o senhor, por favor, não me desminta porque eu tenho ali mesmo numa gaveta um recorte de jornal com o seguinte título: “A cozinha mágica do Jardim das Delícias.” É de um jornalista famoso que esteve lá no restaurante... Especialista em gastronomia... Tinha uma cara de fuinha e pegava os talheres com as pontinhas dos dedos e uma expressão de nojo constante... Servimos para ele uma das receitas afrodisíacas da minha filha Luz. Quando terminou de comer suava e salivava feito um porco e pedia vinho...

Luz fala da cozinha. Ana continua tocando em volta dos convidados.

LUZ:

- Que tal um Pato com Pêssegos?

VIVI:

- Pato demora muito a cozinhar... Olha a cara de fome desta gente...

LUZ:

- E o Frango Alegre?

VIVI:

- Detesto este nome. Só o ser humano pra decapitar um frango, assar e chamar de Frango Alegre.

LUZ:

- Mioslos à Italiana?

VIVI:

- Complicadíssimo. E depois, não temos cérebro suficiente. Que tal a Pasta ao Molho das Delícias?

Ana pára de tocar e começa a andar nervosa de um lado para o outro. Luz volta à sala.

LUZ:

- Nós não fazemos mais este prato, Vivi.

VIVI:

- É claro que fazemos... É a especialidade da Aninha... Não é minha neta?

Ana fala para si mesma.

ANA:

(Para si)

- “O espectro familiar que anda comigo,
Sem que pudesse ainda ver-lhe o rosto,
Que umas vezes encaro com desgosto
E outras muitas ansioso espreito e sigo”

VIVI:

- (Sussurra para Luz) Vamos fazer o prato Luz... Chega de carregar esta história!

LUZ:

- A Pasta ao Molho das Delícias não é feita por nós desde... desde que... O restaurante que nós tínhamos... Vocês sabem... Todo mundo sabe... Mas ninguém nunca provou nada. Nunca! Eu também guardo meus recortes de jornal: tantas matérias falando da morte daquele homem e só uma notinha dizendo que não foi encontrado nenhum traço qualquer substância... de qualquer coisa...

COSMA:

(Alto. Da cozinha)

- Veneno!

ANA:

- “É um espectro mudo, grave, antigo

Que parece a conversas mal disposto...

Ante esse vulto, ascético e composto, mil vezes abro a boca... e nada digo.”.

LUZ:

- Não encontraram nada no sangue daquele maldito homem!

VIVI:

- Mas sempre é possível que exista um veneno indetectável.

LUZ:

- Vivi!

Ana encara um dos homens na mesa.

ANA:

- “Só uma vez ousei interrogá-lo:

Quem és (lhe perguntei com grande abalo),

Fantasma a quem odeio e a quem amo?”

VIVI:

- É... os venenos são doces e a morte é um poderoso tempero. Sem a morte espreitando que graça teria viver?

ANA:

-“Teus irmãos (respondeu), os vãos humanos,
Chamam- me Deus, há mais de dez mil anos...
Mas eu por mim não sei como me chamo...”

Luz se coloca entre Ana e o homem.

LUZ:

- Vá para a cozinha Ana.

VIVI:

- Deixa a menina amar Luz.

LUZ:

- Da minha filha cuido eu. (T) Quer saber, Vivi? Você tem razão. Porque eles viriam até este fim de mundo, neste bairro triste, nesta casa velha? Para comer? Não. Você tem razão, eu sei. Eles vieram dar uma olhadinha na morte. Na morte daquele homem, na nossa morte. E daí, Vivi?

Eles comem, nós também comemos. Você quer? Eles querem?? Está bem, então vamos desenterrar aquele homem, para mim pouco importa, desde que no final eles paguem a conta.

ANA:

(Para Luz):

- Luz... Por favor... Eu não quero fazer a pasta.

LUZ:

- Vamos desenterrar aquele homem Ana, juntas.

Vivi grita de alegria. Segura Ana firmemente pelos braços. Ana sente enjôos.

VIVI:

- Ah, esta minha neta! Ninguém conhece o segredo dos molhos como ela, a alquimia dos temperos, o ponto ideal dos tomates maduros ou do creme de leite batido, o limite preciso entre o salgado e o doce onde nasce o sabor das coisas...

Ana ameaça vomitar.

LUZ:

- Sem tocar, Vivi.

Cosma chega correndo com um pano na mão.

COSMA:

- Ih! Vai vomitar!

Vivi beija as mãos de Ana.

VIVI:

- Meu anjo virgem e imaculado! Então você acha mesmo que destas mãozinhas de santa poderia sair qualquer coisa ruim?

Ana se solta, corre para um canto da sala e vomita. Da boca de Ana saem penas coloridas de pássaros. Ana joga aquilo no chão e corre para seu quarto. Cosma vai limpar o chão.

COSMA:

- Vomitou! Ah, Aninha, no meu chão encerado... Pronto, manchou.

VIVI:

- Tudo bem, Luz. Eu começo a fazer o molho. Ela vai voltar.

Cosma sai resmungando. Vivi tira um lenço do bolso e mostra para Luz.

VIVI:

- (Para Luz) Posso levar alguém para conhecer nossa cozinha? Posso Luz?

LUZ:

- Pode Vivi.

Vivi anda atrás dos convidados sentindo seu cheiro. Escolhe um, amarra a venda em seus olhos e leva para a cozinha. Enquanto isto, Luz tira de um bolso duas castanholas e coloca nas mãos.

LUZ:

- Cosma, o vinho!

Enquanto fala, Luz toca as castanholas e dança em volta dos convidados. Ela se insinua sensualmente para homens e mulheres. Cosma volta e começa a servir vinho.

LUZ:

- No Jardim das Delícias os jantares sempre começavam com música e dança e muita bebida... Minha função no restaurante, além de administrar, é claro, era provocar a fome... A fome, senhoras e senhores, é o maior segredo culinário de todos os tempos. A fome retorna o homem ao seu estado animal. O homem com fome é o bicho homem. Pensa com dificuldade. A fome é a falta, o vazio. E o homem passa toda a vida tentando encher seu maldito buraco. Então, minha função, era lembrar o homem de sua falta. A falta é a antessala do desejo. A fome e o desejo se

misturam sempre na mesma massa. Então, antes dos jantares, eu dançava. Naquele dia o homem chegou sozinho e sentou-se num canto do restaurante. Tinha uns olhos íntimos que me olhavam. Não sei se o conhecia. Conheci muitos homens. Não consigo me lembrar de nenhum. Mas aquele homem tinha uns olhos... e a boca rosada... parecia um fruta... ou uma almofada de sangue. Ia morrer naquela noite. A boca e todo rosto iriam ficar mais escuros que o vinho.

COSMA:

- Espumava pela boca. Eu vi. Horrível.

Ana vai entrando sem que Luz perceba.

LUZ:

- A morte do homem pouco me importa. (Para um convidado) O senhor, por exemplo, se quiser morrer, fique à vontade. Só peço a gentileza de ir morrer lá fora. Nunca em cima da nossa mesa. É ruim para os negócios.

COSMA:

- Fecharam o restaurante. Quase que a dona Luz é presa. Quase, né dona Luz? Faltou um tantinho assim pra ser colocada numa jaula... quero dizer, numa cela...

ANA:

(Interrompe)

- Tinha uns olhos doces, o homem. Olhos de pai.

Luz pára de dançar.

LUZ:

- Tinha olhos de lobo na noite.

COSMA:

- Os olhos eu não sei, mas tinha um cheiro azedo de água sanitária...

Ana encara um homem na mesa.

ANA:

- Tinha olhos de quem procura alguém.

Luz entra na frente de Ana.

LUZ:

- Eu mandei ir para a cozinha.

COSMA:

- Pra mim ele tomou água sanitária em casa e veio morrer aqui... Tem gente doida nesse mundo!

Ana se desvencilha de Luz e volta a encarar o homem.

ANA:

- “Esse negro corcel, cujas passadas
Escuto em sonhos, quando a sombra desce,
E, passando a galope, me aparece
Da noite nas fantásticas estradas,
Donde vem ele? Que regiões sagradas
E terríveis cruzou, que assim parece
Tenebroso e sublime, e lhe estremece
Não sei que horror nas crinas agitadas?”.

LUZ:

- Ana!

COSMA:

- Dizem que a água sanitária clareia a pessoa por dentro.

ANA:

- “Um cavaleiro de expressão potente,
Formidável mas plácido no porte,
Vestido de armadura reluzente,
Cavalga a fera estranha sem temor:
E o corcel negro diz - Eu sou a morte,
Responde o cavaleiro - Eu sou o Amor.”.

Luz segura Ana pelo braço. Ana leva a mão à boca e vomita uma pétala de rosa vermelha. Luz arrasta Ana para a cozinha. Cosma pega um pano que está em seu ombro e começa a lustrar uma das colheres que estava na mesa.

COSMA:

- Tem alergia a contato. A médica falou. Eu não sei de nada. Eu só limpo as coisas. A dona Luz fala: fica calada Cosma. E eu fico.

Cosma se olha no fundo da colher como se fosse um espelho.

COSMA:

- Mamãe foi embora com um homem. Ela me deixou aqui e disse: vá limpando tudo direitinho até mamãe voltar. Não dê trabalho pra dona Vivi. Eu não dou trabalho.

Cosma tira um cartão postal do bolso da saia. Mostra para alguém na mesa.

COSMA:

- Ó, minha mãe mandou este postal quando eu tinha 20 anos. Dona Luz disse pra jogar fora... mas eu guardo. (Sussurra) Eu escondo dela. (T) Eu sei tudinho sobre a morte daquele homem. Mas se eu falar a dona Luz corta minha língua e serve temperada com alho e orégano.

Vivi volta com o convidado vendado. Senta a pessoa na mesa e tira sua venda. Cosma guarda o postal. Ana e Luz começam a cantar uma melodia triste em boca chiosa enquanto cozinham.

COSMA:

- Dona Vivi! Dona Vivi!

VIVI:

- Diga Cosma.

COSMA:

- É hoje que minha mãe vem?

VIVI:

- Talvez.

COSMA:

- Quando a senhora diz talvez, ela não vem.

VIVI:

- Chega aqui minha filha.

Vivi segura a cabeça de Cosma contra seu peito e balança de leve.

VIVI:

- (Para os convidados) A mãe da Cosma era cozinheira de mão cheia... A especialidade dela eram os caldos... (Para Cosma) Amanhã vamos fazer o Consomê de Baco... Como é mesmo?

COSMA:

- Derreta a manteiga e refogue a cebola e o alho...

VIVI:

- Em fogo médio... por uns dois minutos...

COSMA:

- Acrescente duas xícaras de caldo de carne e aí... e aí... (Fica confusa)

VIVI:

- Deixe ferver, coloque o Xerez e tire do fogo.

COSMA:

- O Xerez...?

VIVI:

- O Xerez. E aí?

COSMA:

- E aí é só tomar.

Luz volta para a sala. Ana segue cantando e cozinhando.

VIVI:

- Esqueceu o ovo outra vez, Cosma.

LUZ:

- É mais fácil ensinar um cachorro a falar. (T) O molho já está no fundo da panela.

Elas começam a tirar as entradas das mesas.

COSMA:

- Tem que colocar o ovo na tigela e jogar o caldo em cima. Não pode esquecer o ovo.

LUZ:

(Para Cosma)

- Já cansei de explicar que ela não vai voltar. Nem todas nascem para ser mãe, Cosma.

Vivi sente outra contração. Se apoia na mesa.

VIVI:

- Está vindo de novo. Está vindo e desta vez é forte.

LUZ:

(Alto)

- Nem todas nascem para ser mãe. Ouviu Cosma?

VIVI:

- Vai nascer Luz. Eu tô sentindo, vai nascer.

COSMA:

- Ih! Não nasce. Faz quase um ano que ela tenta colocar a criança pra fora.

Luz vai levando os talheres para a cozinha.

LUZ:

- Vamos Cosma. Vamos levar isto.

Vivi fica irritada. Faz muita força. Luz vai saindo com Cosma.

VIVI:

(Para Luz)

- A culpa é dela. Passou e trancou a porta. Egoísta demais.

Luz pára.

LUZ:

- Ele não quer nascer. É esperto. Sabe que a única forma de ser filho da Vivi é estar aí dentro.

Quando nasce vira só um pedaço do mundo. Do mundo confuso e louco da Vivi.

VIVI:

- Eu entreguei você ao mundo.

LUZ:

- Eu tinha 7 anos. Ela desaparecia com um e com outro. Ia viver a vida. Eu ficava lá entregue ao mundo. Quer saber Vivi, quer saber o que o mundo fez comigo? (Chega bem perto e segura na barriga de Vivi) Isto irmãozinho, fique aí, pelo menos se come de graça.

Luz dirige-se a outra convidada.

LUZ:

- Venha a senhora conosco. Venha conhecer nossa cozinha.

Saem Luz, Cosma e a convidada. As contrações de Vivi param.

VIVI:

- Não nasce. É um menino. Eu sei pelo formato da barriga. Barriga de menina é mais esparramada para os lados. De menino é assim pontuda. Quando o homem morreu eu tinha entrado nos nove meses. Ele morreu, o menino não quis nascer mais. Os senhores sabem, as comidas são capazes de acordar em nós emoções esquecidas. As emoções libertam... mas também podem matar. (Para a barriga) Nós não envenenamos aquele homem, meu filho. Nós apenas abrimos o coração dele com uma alavanca, forte demais, rápido demais e ele se afogou no próprio sentimento. Não foi o molho das delícias, nem os champignons banhados no azeite com aroma de trufas, não vamos culpar a cebola, o alho, o cravo ou a pimenta preta do Caldo Dourado. Não, você ainda não conhece o perfume do alecrim ou das folhinhas de sálvia quando as esprememos entre os dedos. Cheiro de transformação, cheiro de vida. E as transformações podem atropelar um coração endurecido. Nunca vou me esquecer dos olhinhos da Luz quando ela estava pendurada aqui neste meu seio. Brilhavam. Ficávamos as duas olhos nos olhos, as

duas alimentadas de amor, quase uma hora, ela mamando, meu outro seio vazando o leite morno no vestido. Comer será para sempre um retorno ao primeiro amor.

Voltam Luz, Ana e Cosma e colocam na mesa os talheres do jantar. A convidada volta junto e se senta.

LUZ:

- O molho está pronto e a massa já mergulhou na água quente.

ANA:

- Podemos rezar, Luz?

COSMA:

- Na igreja que eu frequento a primeira coisa que a gente faz quando entra é rezar o pai-nosso.

LUZ:

- Você sabe que aqui ninguém reza o pai-nosso.

VIVI:

- Só temos mãe-nossa no estoque.

ANA:

- No Jardim das Delícias a gente sempre rezava antes de comer. No começo, minha Vó puxava a reza, depois eu aprendi.

LUZ:

- Já que estamos desenterrando os mortos... Vamos Ana, puxe a reza.

ANA:

- A reza deve ser sempre um improviso do espírito. Cada um deve agradecer e pedir a deus ou aos deuses aquilo que mais quer.

LUZ:

(Irônica)

- Senhor, permita que hoje nenhum cliente morra envenenado.

ANA:

- A gente pode rezar com o corpo, com os sons, não só com as palavras.

Vivi começa a marcar uma pulsação batendo o pé no chão. Luz e Cosma fazem sons que acompanham a pulsação. A música sai do corpo delas. Elas dançam, cada uma do seu jeito, ao som desta música primitiva. Ana reza no ritmo da música. (Deve lembrar uma cerimônia pagã.)

ANA:

Eu agradeço

À natureza

Mãe amorosa

Todo alimento

Todo calor

Transformador

Todas as frutas

Todas as folhas

Todos os cheiros

Todos os bichos

Todos os colos

Todos os seios

Eu agradeço

À natureza

Mãe generosa

Esta presença

Silenciosa

Na nossa mesa

Deliciosa natureza.

A música vai sumindo lentamente e acaba.

LUZ:

- Bem, acho que chegou a hora de servir.

ANA:

- Ainda não mãe.

LUZ:

(Surpresa)

- O que que você disse?

ANA:

- Eu disse que ainda não.

VIVI:

- Mãe, ela disse mãe.

COSMA: (Para Ana)

- Nossa, até esqueci que ela era sua mãe.

ANA:

- Nós não íamos desenterrar o morto, mãe? Ele ainda está com o rosto coberto de terra.

LUZ:

- Eu já te disse mil vezes que aquele homem morreu de ataque cardíaco. Devia ter algum problema no coração. Agora vamos servir, os clientes estão esperando.

ANA:

- Você é que tem problema no coração.

COSMA:

- A dona Luz tem problema de coração? Coitada.

VIVI:

- Vem Cosma. Vamos ver se o molho já está em ponto de delícia.

Vivi leva Cosma para a cozinha.

LUZ:

- A gente conversa depois, Ana.

ANA:

- Não, Luz. Eles vieram aqui atrás do morto e não da comida. Não foi o que você disse? Você mandou, eu fiz o molho. O mesmo molho que o homem comeu naquela noite. Eu também vi

quando o homem entrou Luz. Como é que eu não ia notar? Ele era tão parecido comigo. A boca, o queixo, o jeito de sorrir...

LUZ:

- Você não está pensando que o morto, quero dizer o homem, era seu pai!?

ANA:

- E não era?

LUZ:

- Sei lá. Já disse que eu não sei quem é o seu pai. Eu não me lembro. Vai ver era seu pai, e daí? Trouxe flores pra você? Te colocou no colo? Pediu pra ver o seu caderno? Não?? Então vai ver que já estava morto quando chegou. Agora vamos servir o jantar.

Luz vai saindo. Ana se coloca na frente dela.

ANA:

- “Deixá-la ir, a ave, a quem roubaram

Ninho e filhos e tudo, sem piedade...

Que a leve o ar sem fim da soledade

Onde as asas partidas a levaram...”.

LUZ:

- Poesia não mata a nossa fome.

Luz tenta sair por outro lado. Novamente Ana se coloca em sua frente.

ANA:

- “Deixá-la ir a vela, que arrojaram

Os tufões pelo mar, na escuridade,

Quando a noite surgiu da imensidade,

Quando os ventos do sul se levantaram...”.

LUZ:

- Poesia não paga nossas contas no fim do mês, Ana.

Luz tenta se desvencilhar de Ana outra vez. Ana a cerca novamente.

ANA:

- “Deixá-la ir, a alma lastimosa,

Que perdeu fé e paz e confiança,

À morte queda, à morte silenciosa...”.

LUZ:

(Encara Ana emocionada)

- Eu nunca te deixei sozinha.

ANA:

- “Deixá-la ir, a nota desprendida

Dum canto extremo... e a última esperança...

E a vida... e o amor... deixá-la ir, a vida!”.

LUZ:

- A vida, Ana? Pois eu vou te dizer: a vida só é um paraíso para os egocêntricos, os espertinhos, corruptos, aproveitadores. Aqueles que enfiam o nariz no próprio umbigo e aceleram, atropelando todo mundo. Para os poetas, Ana, a vida é um verdadeiro inferno. Os sensíveis, os comovidos, os que têm compaixão pelo sofrimento dos outros, para estes a vida é cruel, é pesada. Já o egoísta não se estressa, deita a cabeça no travesseiro e dorme, não importa o quanto a vida dói no outro. Aí, ele acorda restabelecido, sem olheiras e se dá bem neste mundo de predadores. Os poetas cansados, adoecidos pela tristeza, e empobrecidos pela honestidade, viram comida fácil. E você minha filha, você é sensível demais para ser feliz. Agora me deixe passar ou eu vou ser obrigada a tocar você.

ANA:

- Me toque, mãe. Por favor, me toque.

Ana abraça Luz com força. Luz continua com os braços caídos, sem ação. Vivi volta à sala. Ana não sente mais enjôo.

VIVI:

- Quando a Luz nasceu eu tinha dezesseis anos. Não demorou muito para que ela se tornasse minha mãe. Aos oito, já cozinhava e me levava sopa na cama para curar as minhas ressacas. Era magrinha. Segurava a bandeja com dificuldade. Vinha andando com passinhos inseguros e o prato transbordando para os lados. Que criatura seria mais rica, mais poderosa, mais admirável? Não, minha filha, os egoístas são foscos e sem graça. Eles dariam um braço para irradiar a metade do brilho que irradiava aquela menina. (T) Vai Luz, busca um pouco do molho, eu quero experimentar aqui na frente de todos os convidados.

Ana solta Luz.

ANA:

(Preocupada)

- Pra quê, Vó?

LUZ:

- Que bobagem é esta agora?

VIVI:

- O homem morreu do coração, certo? Então não foi o molho. E se não foi o molho, e nós estamos certas de que não foi o molho, nada mais justo do que eu experimentá-lo antes dos nossos convidados. Meu coração, eu posso te garantir, minha filha, é grande e forte. Se eu cair neste chão estrebuchando e roxa, os senhores podem ter certeza: foi o molho.

LUZ:

- Você não vai experimentar nada, Vivi. Ela é bem capaz de morrer só para chamar a atenção.

VIVI:

- Parece que você está com medo, Luz?

ANA:

- Hoje, no final do dia, eu abri o forno pra ver se o cordeiro já estava no ponto. De repente, eu entendi que ele estava morto. Não era mais a comida, era a morte dentro do forno. Comecei a ouvir vários cordeiros berrando na cozinha e aquele perfume foi tomando conta do ar... A morte...

Cosma entra segurando uma vasilha com o molho. Ela tem uma colher na mão.

COSMA:

- Ummmm! Hoje o cheiro está especial, diferente, botou algum tempero novo Aninha?

Vivi pega a colher e mergulha no molho.

VIVI:

- Atenção, senhoras e senhores para este momento inesquecível de nossas vidas.

Vivi experimenta o molho. Ana pega a colher de sua mão e também experimenta. As duas olham para Luz.

LUZ:

- Que bobagem!

Luz pega a colher e experimenta o molho. As 3 ficam se olhando em silêncio por alguns segundos. Nada acontece.

LUZ:

- Podemos servir agora?

Luz e Ana vão para a cozinha. Elas colocam a massa e o molho nos pratos e os entregam a Cosma e Vivi que vão servindo as mesas.

COSMA:

- Dona Vivi...

VIVI:

- Diga Cosma.

COSMA:

- A senhora ficaria muito triste se eu fosse procurar a minha mãe?

Cosma tira o cartão postal do bolso e olha para o endereço.

VIVI:

- Ficaria preocupada, Cosma. Este mundo é tão grande. E depois você sabe que a Luz não deixa você ir.

Vivi sente uma tontura.

VIVI:

- Nossa, me deu um sono de repente, uma tontura... É esta gravidez.

Ana e Luz chegam à sala trazendo os últimos pratos que faltam. Elas colocam os pratos nas mesas. Vivi senta-se em um banco de madeira. Luz boceja.

LUZ:

- Engraçado... Também tô sentindo uma moleza... As mãos frias...

Cosma vai saindo em direção aos quartos. Ana pega Luz docemente pelo braço e leva até Vivi.

ANA:

- É o cansaço mãe. Senta um pouco aqui perto da Vovó.

LUZ:

(Para Ana com um sorriso)

- Que estranho filha... parece que eu estou me dissolvendo num rio de leite.

Vivi puxa Luz para si. Ana começa a ficar letárgica.

VIVI:

- Encoste aqui menina magrela.

As duas vão perdendo a consciência, fecham os olhos. Ana encosta as mãos em suas testas.

ANA:

- Vocês estão frias...

VIVI:

- Eu estou ótima. Ummmm, é bom este leite.

LUZ:

- O que não pode esfriar, Ana, é a comida.

Ana senta-se junto delas. Abraça as duas e vai fechando os olhos. Cosma entra segurando uma mala e vai apagando todas as luzes. Fica apenas um foco de luz nas três.

ANA:

- Eu não tenho mais medo.

Cosma chega perto das três.

COSMA:

- Sonhe com os anjinhos, Aninha.

ANA:

- Adeus Cosma.

Ana desfalece. Cosma pega sua mala e sai. Quando bate a porta, o foco de luz se apaga sobre as três.

Fim.

Obs: Os poemas utilizados são do poeta português Antero de Quental.